

INTELIGIBILIDADE DE FALA: FAMILIARIDADE DO OUVINTE COM A LÍNGUA MATERNA DO FALANTE

ANNA JÚLIA KARINI MARTINS¹; ARTHUR GARCIA NOGUEIRA²; LETÍCIA STANDER FARIAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – annajuliakarini@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arthurnog@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leticiastander@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o crescimento do uso da língua inglesa para uma comunicação internacional, as necessidades e objetivos dos aprendizes, no que diz respeito à pronúncia, deixaram de estar relacionados à aquisição de um falar próximo ao de um nativo. Hoje, o aprendiz de inglês busca ser capaz de se comunicar com uma pronúncia clara e compreensível, tanto em interações com falantes nativos do idioma (Inglês como Língua Estrangeira – ILE), quanto em interações com outros falantes estrangeiros (Inglês como Língua Internacional – ILI).

Diversos estudos em inteligibilidade de fala têm sido realizados ao longo dos anos, envolvendo diferentes grupos de falantes e ouvintes. No Brasil, uma das principais pesquisadoras a esse respeito é Cruz (2006, 2008), cujos estudos discutem em que medida os desvios de pronúncia de aprendizes brasileiros podem dificultar a compreensão de suas produções orais por falantes nativos e não-nativos de inglês. Com base nos principais resultados dos estudos de Cruz e colaboradores, nosso objetivo é investigar se os desvios de pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês afetam a inteligibilidade de interlocutores nativos com ou sem familiaridade com a língua portuguesa.

No que diz respeito à definição, o termo inteligibilidade é, nas palavras de Munro e Derwing (1995, p.291), “*o quanto um enunciado é efetivamente entendido*”¹. Neste estudo, entendemos como inteligível tudo aquilo que os falantes nativos de inglês foram capazes de compreender naturalmente ao conversar com interlocutores brasileiros. Se por algum motivo, em meio à interação, os ouvintes solicitaram que seus interlocutores repetissem ou explicassem o que disseram, então reconhecemos

¹ “*the extent to which an utterance is actually understood*”.

que a inteligibilidade foi afetada.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados deu-se em duas etapas e consistiu em gravações com duração entre 20 e 30 minutos de pequenas rodas de conversa entre alunos do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas da UFPel e falantes nativos de inglês americano. Durante as gravações os pesquisadores estavam presentes, atentando para reações e expressões faciais dos ouvintes que pudessem indicar qualquer interferência na inteligibilidade. Optou-se por coletar os dados dessa forma por acreditarmos que assim os resultados seriam mais genuínos do que se, por exemplo, o ouvinte escutasse a gravação de um texto sendo lido.

A primeira etapa contou com a participação de quatro falantes nativos de inglês americano. Nenhum dos ouvintes estava familiarizado com o português no momento da coleta dos dados. Na segunda etapa, participaram outros quatro falantes nativos de inglês americano, todos residentes no Brasil e aprendizes de português há, pelo menos, oito meses. No total, foram realizadas quatro gravações: duas na primeira etapa, correspondentes a duas rodas de conversa e duas na segunda etapa, organizadas da mesma forma. Após as gravações os ouvintes responderam a um questionário, onde explicitaram aspectos que afetaram a inteligibilidade (ou dificultaram a compreensão), bem como citaram exemplos e compartilharam percepções.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da coleta de dados (com os falantes nativos de inglês americano sem familiaridade com a língua portuguesa) a conversa foi, de modo geral, “altamente inteligível²”, conforme as palavras de um dos ouvintes. Houve, no entanto, momentos em que a compreensão foi atingida com maior dificuldade e momentos pontuais em que a inteligibilidade foi impedida, em virtude, por exemplo, da **produção inapropriada de consoantes** (em especial, as fricativas dentais /θ, ð/, a fricativa glotal desvozeada /h/, e a lateral alveolar /l/), da **produção inapropriada**

² “highly intelligible”.

de vogais (em especial, as vogais anteriores /i:/, ɪ/ e as vogais posteriores /u:/, ʊ/) e da **má formação de onsets complexos**.

A partir das respostas aos questionários pudemos observar outras variáveis, também relacionadas à familiaridade. Dois dos ouvintes citaram que o fato de já terem ensinado inglês para estrangeiros de diferentes nacionalidades faz com que estejam acostumados com os desvios de pronúncia que falantes não-nativos de inglês possam apresentar. Outro aspecto que merece destaque é o fato de os pais de uma das informantes não serem falantes nativos de inglês, o que faz com que ela tenha um entendimento maior em relação a falantes não-nativos do idioma.

Na segunda etapa, com os falantes nativos de inglês americano que falavam português, não houve momentos em que a inteligibilidade foi afetada. Nos questionários, nenhum dos informantes declarou não ter compreendido alguma palavra ou sequer ter tido dificuldades. Além disso, dois deles elogiaram o inglês falado pelos brasileiros.

De fato, diversos pesquisadores (DERWING; MUNRO, 1997; CRUZ, 2008; CRUZ, 2006; CRUZ, 2003) apontam que ouvintes entendem melhor os sotaques aos quais estão mais expostos. Field (2003, p. 36) sugere que a falta de uma representação fonológica “ideal” permite que o ouvinte armazene múltiplas representações de fonemas. Assim, mesmo que ao ser exposto a um determinado sotaque pela primeira vez o ouvinte tenha dificuldades em compreendê-lo, passará, com o tempo, a acumular traços do sistema sonoro daquele sotaque, o que facilitará sua compreensão. Para Bent e Bradlow (2003), o efeito da familiaridade com a representação fonológica³ da língua do falante é fruto do “benefício da interlíngua na inteligibilidade de fala⁴”.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos através das interações com os ouvintes que possuíam familiaridade com o português, pudemos constatar de maneira muito clara que a familiaridade com a língua materna do falante é uma variável que exerce um papel altamente importante no que se refere à inteligibilidade de fala.

³ Field (2003, p. 36) define representação fonológica como “a maneira pela qual os sons da língua são armazenados na mente do usuário dessa língua”.

⁴ “The interlanguage speech intelligibility benefit”.

Analisando as respostas dos questionários respondidos pelos ouvintes sem familiaridade com a língua portuguesa pudemos chegar à outra variável importante, também relacionada à familiaridade: a familiaridade com falantes não-nativos de inglês em geral, que certamente reduziu os momentos em que a inteligibilidade foi impedida ou que a compreensão foi dificultada.

Por fim, entendemos que os desvios de pronúncia identificados neste estudo permitirão que posteriormente, como professores de inglês, desenvolvamos atividades e materiais de ensino que reflitam no aumento da inteligibilidade de fala do inglês falado por brasileiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENT, T.; BRADLOW, A.R. The interlanguage speech intelligibility benefit. **Journal of the Acoustical Society of America**, 144, p. 1600-1610, 2003.

CRUZ, N. C. An explanatory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian Learner's English. **The ESpecialist**, 24(2), p. 155-175, 2003.

_____ Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 15, 2006.

_____ Pronunciation intelligibility in Brazilian learners' English. **Claritas**, v. 12, n;1, 2006.

_____ Terminologies and definitions in the use of intelligibility: state-of-art. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 7(1), p. 149-159, 2007.

_____ Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. **Horizontes de Linguística Aplicada**. V. 7, 2008.

DERWING, T.M.; MUNRO, M.J. Accent, intelligibility, and comprehensibility. **Studies in Second Language Acquisition**, 19, p. 1-16, 1997.

FIELD, J. The fuzzy notion of 'intelligibility': a headache for pronunciation teachers and oral testers. **IATEFL Special Interest Groups Newsletter**, Special issue, p. 34-38, 2003.

MUNRO, M.J.; DERWING, T.M. Processing Time, Accent and Comprehensibility in the Perception of Native and Foreign-Accented Speech. **Language and Speech**, 38 (3), p. 289-309, 1995.